

## Tempo de ser unebiano

**Inaldo da Paixão Santos Araújo**

Mestre em Contabilidade. Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, professor, escritor.

[inaldo\\_paixao@hotmail.com](mailto:inaldo_paixao@hotmail.com)

Há alguns anos, a ministra Cármen Lúcia, quando tomava posse como presidente da Casa Maior de Justiça deste país – tão atacada nos últimos tempos que eu me pergunto, por vezes, que se atacam o Supremo, o que não podem atacar? – ela quebrava o protocolo e dizia, perante uma Mesa de autoridades, de excelências, que começaria saudando o povo brasileiro. Eu achei, deputado Raimundo Nonato, nosso eterno Bobô, memorável! E, a partir daquele momento, eu resolvi, em certas oportunidades, imitar, copiar, até mesmo plagiar a querida ministra e vou fazê-lo, desta feita, um pouco diferente. Não melhor, por óbvio, mas, primeiro, cumprimentando os professores da Uneb, na pessoa da minha companheira, da minha amiga, colega, coordenadora, professora Naira, fique de pé... já está em pé. Parabéns, portanto. Feliz por vê-la aqui. (Palmas).

Mas, falando dos professores, como não falar dos servidores da Uneb, da nossa universidade? Da nossa “UniverCidade”. E aí eu vejo, entre todos os servidores valorosos que a Uneb possui no seu quadro, a que vou citar, que está aqui presente e que tem tudo a ver com a história da nossa Casa do Saber, que é minha querida amiga, que há tempos eu não via, até pela pandemia, a nossa querida Lídia Boaventura. Por favor, palmas. (Palmas)

A nossa querida Lídia, para quem eventualmente não saiba, é filha do professor Edivaldo Boaventura. E não há como falar da universidade sem me lembrar do professor, do meu mestre. Eu tive o

prazer de ter sido seu aluno. Ele me dizia sempre: “Você escreve bem, mas escreva menos”. Ele dizia que meus textos eram muito longos.

Se meus textos são longos, imaginem as minhas falas. Então, saudades do professor Boaventura. Se a Uneb é o que é, é também graças ao saudoso professor.

Falamos dos professores, saudamos os servidores, mas precisamos também falar daquela que hoje comanda a nossa universidade. Antes mesmo dela, eu até ia me esquecendo, mas quando olhei para a minha direita, eu tive a certeza, pelo que vi aqui hoje, de que a Uneb está nesses seus 39 anos cumprindo bem o seu papel.

Falei dos professores, falei dos servidores, como não falar dos alunos? Aline Gomes Moraes, jovem estudante do curso de Direito da Uneb, Campus de Camaçari, você, Aline, para mim, foi uma grata surpresa. Você, quando chegou aqui, a este púlpito, de improviso, comentava até com o colega de bancada, e disse: “Essa já está com o caminho traçado.”. Você é prova, provada, de como a Uneb cumpre bem o seu papel. Você é talentosa, seu futuro é brilhante. Tenho certeza de que, muito em breve, você estará ou na Casa da Justiça ou na Casa do Povo, falando, defendendo aquilo que tem de bom. Então, ao lhe saudar, quase de joelhos, cumprimento todos os meus discentes, meus companheiros de labuta da universidade. Parabéns! (Palmas)

Como dizia, falei do professor, falei do servidor, dos alunos, mas preciso falar de quem manda, quem comanda. Minha querida, vou até pegar o nome completo, porque toda hora eu pergunto, mas é Mármore ou Marmori? Marmori! As pessoas só falam Mármore, mas é Marmori.

Minha querida, magnífica Adriana, eu confesso que lhe admiro, mas não lhe invejo, porque eu sei o quanto deve ser – e é – árdua a sua labuta diária, a Sr.<sup>a</sup> Magnífica que comanda esta universidade, que é a nossa querida Uneb. Quantas e quantas complicações, tarefas, quantos aborrecimentos e quantas dificuldades, V. Mag.<sup>a</sup> recebe e enfrenta dia a dia. A sua labuta é grandiosa, mas quem tem como sobrenome a pedra, o mármore, Marmorini, tenho certeza de que vai lutar e vai conseguir conquistar o que a gente espera de V. Ex.<sup>a</sup>, de V. Mag.<sup>a</sup>

Bem, mas claro, falei do povo da Uneb, uma saudação toda especial ao nosso secretário, ao nosso deputado e ao nosso vereador, que não conhecia, o vereador Augusto Vasconcelos. Então já vou confessar que não votei em V. Ex.<sup>a</sup> (risos), mas confesso que V. Ex.<sup>a</sup> conquistou a minha admiração pelo que aqui disse, pela forma tranquila e firme com que defendeu a boa causa. Se ainda não ganhou um eleitor, já ganhou um admirador. Um forte abraço.

Por fim – e aí já estendendo a toda a Mesa – , a nossa querida, eterna prefeita, senadora, deputada, tudo, tudo, tudo que a Bahia pôde receber e que deve à senhora. Tenha a certeza de que sempre me lembro do famoso jingle: *Lídice, Salete e Bete*. Nossa, quanto acreditei nessa tríade! Parabéns pela luta e não desista nunca!

Portanto, sintam-se todos registrados, meus queridos companheiros aqui presentes. Eu gosto muito de vir a esta Casa, porque eu sempre sou pego de improviso, nunca me dizem o que eu vou falar, dizem assim: “Agora quem vai falar é Inaldo.”. E agora, num momento como este, é para falar sobre a universidade que eu conheço há 40 anos. Por que eu digo isso? Porque, Lídia, eu

ingressei na universidade como aluno, como discente, em 1982, no então Centro de Educação Técnica da Bahia, hoje a nossa Uneb. Eu fui aluno da Uneb e quis o bom Deus, o bom destino, que, em 1997, eu me tornasse docente. Portanto, sou professor da universidade, aqui em Salvador, há 25 anos.

Reitora, não se preocupe, porque eu não quero ser reitor. Não se preocupe, eu estou muito satisfeito onde estou, como estou e digo sempre que Deus me deu uma graça divina, que é fazer duas coisas de que eu gosto e em que eu acredito. Aliás, dizem sempre que é preciso unir o útil ao agradável. Eu, graças ao bom Deus, procuro, no meu dia a dia, unir o agradável ao agradável, porque eu gosto muito da auditoria, pois sou auditor, e professor nesta universidade. Eu sou um agraciado e diria que fico num paradoxo constante, porque eu vejo como nós tratamos, de forma diferente, instituições que são importantíssimas para a democracia: o órgão de controle, o Tribunal de Contas, e a universidade.

Eu sou de um tempo, minha querida reitora, em que, para dar aula, a gente tinha de levar o giz. Depois de um tempo, a gente tinha de levar o pincel. Hoje, tenho que levar o meu computador. Pouco mudou. Eu sou do tempo em que faltavam muitas coisas na universidade. Hoje, avançamos muito, é bem verdade, mas precisamos, deputado Bobô, avançar ainda mais.

Eu convido cada um dos senhores, cada uma das autoridades para que possam nos visitar no campus aqui de Salvador e nos diversos campi que a universidade possui. A Bahia é um estado privilegiado, são quatro universidades estaduais, mas a nossa Uneb está atuando, para nossa felicidade, nas regiões mais pobres do estado. Então seria

preciso que visitassem cada uma dessas instalações para ver o quanto os nossos discentes lá de Camaçari e os nossos docentes lá de Juazeiro padecem para construir aquilo que é de fundamental importância para qualquer sociedade livre, democrática e republicana, que é fazer bem a educação.

Finalizando, esses meus 39 anos de universidade, e comemorando, portanto, eu diria que saiu muito na mídia que universidade pública era um espaço de balbúrdia, não foi isso? Recentemente a gente ouviu isso. Balbúrdia é confusão, é tumulto, mas balbúrdia também significa vozeria, voz. E onde não há voz não há vida, onde não há voz não há resistência, onde não há voz não há luta, onde não há voz não há esperança. E tudo isso a Uneb representa. Nesses, como disse, 40 anos que tenho de universidade, e nesses 39 anos que ela formalmente existe, eu vi muitas coisas acontecerem. Vi muitas coisas passarem, porque tudo, tudo passa. Alguns privilegiados virarão memória na gratidão do povo.

Não vejo no majestoso painel pintado por Carlos Bastos, que representa a galeota Gratidão do Povo, aqui à minha esquerda, e que guarda parte da memória da Bahia, o professor Boaventura. Ele está ali? Não o vejo. Não sei se Anísio Teixeira está ali, não tenho certeza. Não sei também se Milton Santos está ali, não sei. Cito apenas esses, mas poderia citar vários e vários outros para dizer que, mesmo registrados em um painel, passaram. O que não passa são instituições fortes, necessárias, independentes, autônomas, efetivas, como são esta Assembleia; a Casa de Justiça; o nosso Tribunal de Contas, que está atento, sim, vereador Augusto, que precisa olhar muito mais do que os números, muito mais do que

as contas, mais efetivamente para o resultado da universidade, para o que essa universidade produz e oferece com os recursos, que são poucos, para a sociedade; e, também, por óbvio, claro, a nossa universidade, nossa Casa do Saber.

Tudo passará. Tudo passará, somente não passará a nossa vontade, a nossa esperança de ter sempre uma educação de qualidade, uma educação que liberte, uma educação que transforme, uma educação que diga a nós todos a nossa razão de existir.

E quem bem o diz é a nossa querida universidade que faz 39, mas ano que vem faz 40 e estaremos aqui, se Deus quiser, deputado. Já fica o meu pedido para que V. Exa. proponha, mais uma vez, com nosso vereador também, os 40 anos da universidade, e que a nossa reitora possa dizer, de fato e com muita galhardia, que está contribuindo para a transformação do nosso ensino, neste pobre, rico – paradoxalmente falando – estado da Bahia.

Muito obrigado a todos e desculpem se me alonguei, mas como resumir 39 anos de sonhos em cinco minutos? (Palmas)